

Setor elétrico brasileiro ganha reforço com a bolsa de energia, a Brix

O desenvolvimento da tecnologia para uma plataforma confiável, a Intercontinental Exchange (ICE- EUA), empresa mundial que atua nos mercados de futuros e balcão, atrelada a um projeto pioneiro no Brasil, formaram a base para a criação da primeira plataforma de negociação eletrônica, a Brix.

Idealizada por um dos principais profissionais da área de energia elétrica, Marcelo Parodi (Grupo Compass que atua na comercialização de energia no mercado livre), mais os empresários Roberto Teixeira da Costa (também Compass), Eike Batista (MPX), Josué Gomes da Silva (Coteminas), a Brix nasce num momento importante para o setor. Isto porque, no País estão no início ou em conclusão, grandes empreendimentos energéticos.

Bolsa de Energia

A operação é feita na plataforma web (www.brix.com.br), sem a necessidade de hardware ou software específico e para acesso em qualquer computador, desde que o agente seja cadastrado e tenha seu acordo de participação aprovado pela Brix. Ao assinar o acordo, o agente será obrigado a respeitar as regras e os procedimentos da negociação. No próximo passo é estabelecido o limite de crédito bilateral, no caso em megawatt, para negociação.

Com essa medida, fica definido o limite máximo de risco aceitável com as outras contrapartes. Por meio de login e senha, os agentes têm acesso à plataforma. Todos os lances são anônimos até a conclusão da operação e em seguida, o comprador e o vendedor recebem mensagem de confirmação. O risco da operação segue bilateral e o pagamento e o registro são obrigatórios na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). “Por meio de uma tela, os agentes podem visualizar o modelo do negócio que é concluído e segundos, bem diferente do que acontecia via telefone.

Além disso, a escolha para classificar os negócios através de cores dá à operação garantias de crédito, sem contar que a plataforma da ICE tem total segurança para a operação on-line”, explica o CEO da Brix, Marcelo Mello.

Na primeira etapa, iniciada em 28 de julho, a plataforma está disponível para os agentes do Ambiente de Contratação Livre (ACL).

Nesta primeira fase estão sendo atendidos mais de 1.400 agentes que atuam no mercado livre, o que representa quase 25% de toda energia consumida no País.

Primeiros resultados

A plataforma foi apresentada há pouco mais de dois meses e ao entrar em operação em 28 de julho com 30 participantes. “Em dois dias, conseguimos realizar mais de 30 negócios para entrega de energia a curto prazo, considerando que temos contratos até novembro. Já estamos com a confirmação de mais cinco participantes”, avalia Mello.

Entre os grandes players, tanto geradores como consumidores de energia elétrica estão: a Companhia Energética de São Paulo (Cesp), Eletronorte, Quanta, Bünge, White Martins, Rexan, Eucatex, Ibrame Laminação, Coteminas, MPX, Seal Energy, Agroenergia Comercializadora e Compass. Juntas, as geradoras que já aderiram à plataforma têm capacidade instalada de 18 mil MW médios. Esse volume é suficiente para atender quase duas vezes a carga do Mercado Livre. “Entre os mais de 100 players interessados em entrar na Bolsa, destacamos a Vale, Votorantim e CSN”, explica Mello.

Próximas etapas

Diante dos resultados nessa primeira etapa, “surpreendente”, segundo o executivo, a Brix já tem elaborada a fase conclusiva.

Serão lançados contratos bilaterais de derivativos de energia com liquidação financeira e risco multilateral, suportados pela criação de uma “clearing house”, que é a eliminação de risco de crédito e será permitida a entrada de instituições financeiras.

“A compra de energia no mercado futuro, ou seja, os derivativos, dão liquidez e garantia financeira. Para que esta etapa seja iniciada, vamos seguir para a CVM”, avalia Marcelo Mello.

Na primeira fase, a Brix também vai inovar com a criação do índice BRIX Spot, que será acompanhado diariamente a exemplo do petróleo, dólar e, principalmente, as Bolsas de Valores. Nele será indicada a evolução de preços no mercado de curto prazo a partir das negociações realizadas.

Plataforma ICE

O único parceiro Pessoa Jurídica na Brix é a americana IntercontinentalExchange (ICE), criada em 2000, que atua em mercados de futuros e balcão nos segmentos de energia, commodities agrícolas, emissões de carbono, moedas e derivativos de crédito. Opera três bolsas de futuros reguladas (EUA, Europa e Canadá), dois mercados de balcão (energia e derivativos de crédito) e cinco câmaras de compensação e liquidação (clearing houses). As operações da ICE conectam participantes do mercado em mais de 70 países, em um volume anual de mais de 510 milhões de contratos.

Apenas no segmento de energia elétrica, em 2009, foram comercializados por meio da ICE cerca de 800 mil MW médios nos EUA, volume equivalente a 15 vezes a carga de energia total do Brasil. Para desenvolver a tecnologia, a ICE disponibilizou cerca de 800 colaboradores.

Aneel e NOS

Para os dois órgãos, a Agência de Energia Elétrica (Aneel), Operador Nacional do Sistema (ON) e CCEE, a nova plataforma de negócios foi bem aceita. “Não encontramos nenhuma dificuldade dos reguladores para chegar até aqui, pelo contrário, haverá participação das estatais do setor”, completa o CEO da Brix.

Opinião

Para o professor e coordenador de Grupo de Pesquisas de Energia Elétrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Nivalde Castro, a proposta é muito positiva e importante para o setor elétrico brasileiro. “Me parece positiva, seria como o mercado de ações. A energia é estratégica para o setor produtivo e a existência de uma Bolsa evita um risco. Essa plataforma vai dar segurança para os agentes que querem garantias para comprar e aos produtores que querem vender”, analisa.

O professor considera também que, no segundo momento, com a participação das instituições financeiras e com a participação da CVM é mais uma certeza da seriedade e transparência do negócio. “Do ponto de vista monetário, considero pertinente. É importante ressaltar que a demanda por energia elétrica sempre vai exigir regras de regulamentação para que se evite a especulação”, explica. Na opinião de Castro, a nova proposta não deverá interferir no papel das comercializadoras de energia. “O que se vê é uma tendência para que elas entrem no mercado”, finaliza.